



AUTOR

Heronides Moura heronides@uol.com.br

Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do CNPQ

COMO CITAR

MOURA, Heronides. Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus. *Calidoscópio*, 19(1): 120-130. <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.09>

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 09/10/2020

Aprovação: 07/02/2021

DISTRIBUÍDO SOB



Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus

*Where is the virus? Political manipulation
of the language about coronavirus*

RESUMO / ABSTRACT

Neste artigo, tento mostrar que alguns discursos políticos radicais, seja de direita ou de esquerda, manipulam a linguagem sobre o coronavírus, com o objetivo de justificar afirmações enviesadas e sem evidências sobre a pandemia da Covid-19. Este tipo de manipulação está em conformidade com a percepção de que a manipulação política da linguagem se baseia numa fusão de verdades parciais e de mentiras completas (Katukani, 2018). Os dados foram coletados no site de notícias brasileiro de extrema-direita *criticanacional.com.br* e no livro *Vírus soberano?*, escrito pela filósofa pós-moderna e de esquerda Donatella di Cesare. A análise dos dados mostra que a manipulação mais importante

encontrada nestes discursos políticos é a ocultação de informação relevante sobre a localização do vírus. A grande maioria das sentenças sobre vírus encontradas no corpus não oferece nenhuma indicação sobre a localização do vírus e sobre sua propagação.

Palavras-chave:Coronavírus;
Manipulação política;
Linguagem

Será mostrado que esta ocultação favorece as informações infundadas que são propagadas pelos dois discursos políticos radicais

analisados neste artigo. A fim de estabelecer uma comparação com os resultados dessas análises, foram também coletados dados no jornal *Folha de São Paulo*. A conclusão é que as sentenças deste corpus jornalístico são muito mais precisas em relação à localização do vírus.

In this paper, I try to show that some radical right and left-wing political discourses manipulate the language about the coronavirus, in order to sustain their biased and baseless claims about the Covid-19 pandemic. This kind of manipulation fits the view that political manipulation of language is based on a fusion of partial truths and whole lies (Katukani, 2018). The data was collected from the Brazilian far-right news website *criticanacional.com.br* and from the book *The sovereign virus?*, written by the postmodern leftist philosopher Donatella di Cesare. Data analysis shows that the most note-

worthy manipulation found in these political discourses is the concealment of relevant information about where the virus is. The large majority of sentences about the virus found in the corpus offers no hint where the virus is located or how it is spreading. It will be shown that this concealment favors the baseless claims of both radical political discourses.

In order to make a comparison with the results from those studies, I collected data from the Brazilian newspaper *Folha de São Paulo*. The finding is that the sentences from this newspaper are much more precise about where the virus is.

1. Introdução

O debate político e a discordância de ideias são essenciais em uma sociedade democrática. No entanto, o debate público deve estar ancorado em uma base mínima de valores comuns a todos os grupos em conflito, pois de outro modo qualquer acordo se torna difícil e a convivência impossível (Levitsky; Ziblatt, 2018). Para que o debate tenha alguma chance de prosperar, é preciso que, como condição mínima, haja respeito à verdade, aos fatos e à linguagem (Mcintyre, 2018).

Não por acaso, as ditaduras tentam, a todo custo, controlar a verdade e espalhar mentiras, distorcer e esconder os fatos e desmoralizar a linguagem. Orwell (2013) afirmou que “o atual caos político está ligado ao declínio da linguagem”. Segundo Brecht (2003, p. 149), uma das dificuldades para dizer a verdade, na Alemanha de Hitler, era que os significados das palavras tinham adquirido “implicações místicas e deterioradas”. Klemperer (2013) mostrou a manipulação nazista do significado de algumas palavras, como *fanatisch* (fanático), que, a partir de um significado que indicava um comportamento repulsivo, passou a significar um elogio ao militante nazista. Para Weinrich (2017, p. 45), “não há dúvidas de que as palavras com as quais se mentiu muito se tornam mentirosas”. Como exemplo disso, pode-se citar o termo *Lebensraum* (espaço vital), que justificaria a ânsia nazista pela conquista territorial, com base em um suposto direito natural a “um espaço vital” destinado a uma suposta raça superior. O regime comunista de Mao também praticou a “engenharia” da linguagem, por meio da supressão de palavras, alteração de significados e repetição de slogans (Kakutani, 2018). Como afirma Link (2015), os chineses da época de Mao eram forçados a aprender que a verdade do Partido significava apenas a recitação de “mentiras de forma correta”.

Hoje em dia, as democracias estão sofrendo um ataque com base nas mesmas armas: a desmoralização da verdade, dos fatos e da linguagem (Al Gore, 2017; Levitsky; Ziblatt, 2018; McIntyre, 2018; Kakutani, 2018).

O meu objetivo neste artigo é examinar de que forma a linguagem sofre este tipo de ataque antidemocrático no contexto da pandemia da Covid-19, e para isso vou analisar dois tipos de discursos manipuladores sobre a pandemia do coronavírus. Tomarei como amostras de discursos manipuladores exemplares dos extremos do espectro político: pela direita, os textos do site *criticanacional.com.br* e, pela esquerda, o livro *Vírus soberano?*, de Donatella di Cesare (2020).

O site *criticanacional.com.br* apresenta uma variedade bem maior de manipulações e mentiras, mas o livro *Vírus soberano?* apresenta características em comum com o site de extrema-direita, em especial a ocultação da expressão de lugar de ocorrência do vírus, o que gera uma propagação de informações injustificadas e enviesadas sobre o coronavírus. As asserções sobre o vírus, nestes dois corpora, de um modo geral não respondem à pergunta “onde está o vírus?”, escamoteando uma informação vi-

tal para a compreensão da pandemia. Além destes dois corpora, examinei também frases com a palavra *vírus*, coletadas no site da *Folha de São Paulo* (*folha.uol.com.br*), e os resultados obtidos foram bem diferentes. No caso da *Folha de São Paulo*, não se pode falar em manipulação, já que a expressão de lugar de ocorrência do vírus é muito mais rica e mais precisa, fornecendo uma imagem muito mais realista da propagação do vírus.

O artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 2, a seguir, apresento diferentes formas de manipulação da linguagem, ilustrando tais formas, quando for o caso, com exemplos colhidos no site *criticanacional.com.br* e no livro *Vírus soberano?*. Na seção 3, apresento e discuto os resultados da análise, realizada com base em dados quantitativos, sobre a presença ou não de expressão de lugar de ocorrência do vírus em frases coletadas nos três corpora citados: site *criticanacional.com.br*, o livro *Vírus soberano?* e o site *folha.uol.com.br*. Os resultados indicam uma alta incidência (da ordem de 80% das frases coletadas), nos dois primeiros corpora, de frases sobre o vírus nas quais não há nenhuma expressão de lugar indicando onde o vírus está. Por outro lado, os dados da *Folha de São Paulo* mostram que cerca de metade das frases coletadas contém expressão de lugar de ocorrência do vírus, deixando claro (dentro do possível) onde o vírus está. Finalmente, na seção 4, faço as considerações finais.

2. Formas de manipular a linguagem

Nesta seção, vou descrever quatro tipos de manipulação da linguagem. Estas manipulações tornam inviável o debate público e democrático. São elas: i) distorção do significado das palavras; ii) afirmação de mentiras; iii) utilização de pressupostos falsos ou não comprovados; iv) manipulação de uma categoria linguística relevante. A manipulação de tipo i não foi encontrada nos dados, mas as outras, sim. Mostrarei de que forma e com que função as formas de manipulação encontradas aparecem nos dados. Exemplos das manipulações de tipo ii) e iii) foram encontrados nos dados, mas não receberam um tratamento quantitativo, ao contrário da manipulação de tipo iv), que se revelou a mais importante nos dados coletados. Neste caso, a manipulação se deu com a categoria de espaço. Na seção 3, apresentarei os resultados da análise quantitativa que mostram como se deu esta manipulação, com a ocultação da expressão de lugar de ocorrência do vírus.

A primeira forma de manipulação a ser abordada é a distorção do significado de palavras, que é uma prática comum dos regimes autoritários (Saussure, 2005; Klemperer, 2013; Kakutani, 2018). Esta distorção é obtida por meio de propaganda e censura maciças, tendo por efeito a supressão do significado indesejado pelo poder. A Novafala do romance *1984*, de George Orwell, é o exemplo paradigmático desta linguagem manipulada: “O vocabulário da Novafala foi elaborado de modo a conferir expressão exata, e amiúde muito sutil, a todos os significados

que um membro do Partido pudesse querer apropriadamente transmitir, ao mesmo tempo que excluía todos os demais significados” (Orwell, 2020, p. 348).

Não encontrei nos corpora examinados este tipo de manipulação linguística, o que talvez indique que ela é mais corriqueira em sistemas políticos de natureza claramente ditatorial.

A segunda forma de manipulação da linguagem é a afirmação de mentiras (Mcintyre, 2018). A mentira é um ato de natureza linguística, pois ela é construída com base em duas frases que se opõem, uma das quais é afirmada explicitamente e a outra negada implicitamente (Weinrich, 2017).

Vejam, por exemplo, o seguinte trecho, extraído do site *criticanacional.com.br*: “parcela expressiva da elite ocidental, o que inclui quase toda a grande imprensa e entidades globalistas como a OMS, que deveria ser chamada de organização criminosa internacional, insistem em negar a eficácia desse método (a cloroquina). E o fazem porque preferem que milhares de pessoas morram, para assim disseminar o caos e o temor”. Este trecho contém a asserção “a OMS (Organização Mundial da Saúde) prefere que as pessoas morram”, o que é uma mentira que se opõe ao enunciado verdadeiro (e muito mais compartilhado) de que “A OMS defende a saúde mundial”.

A mentira envolve um diálogo implícito, no qual um falante se opõe, de forma aberta ou velada, a uma afirmação que é verdadeira. Quanto mais os fatos são conhecidos pelo público e mais relevantes para a comunidade, mais a mentira flagrante tem um efeito pernicioso e manipulador. E o que pode ser mais dramático do que a afirmação mentirosa de que a *Organização Mundial de Saúde* (OMS) está a serviço da morte e contra a saúde da população mundial? A verdade é traída numa simples negação: a negação da sentença verdadeira. “A mentira brutal, má, total é de natureza sintática; ela falsifica o sentido naquele ponto decisivo no qual língua e mundo se encontram: na situação da fala” (Weinrich, 2017, p. 71). Este desafio desabrido à verdade é uma característica dos discursos autoritários (Mcintyre, 2018, p. 114).

Este tipo de mentira flagrante inverte completamente os sinais, como na famosa mentira de Hitler, pronunciada em discurso público datado de 26 de setembro de 1938. Nesta data, ele afirmou que a Alemanha só queria a paz, mas, em 30 de maio do mesmo ano, já havia emitido uma ordem secreta de invasão da Tchecoslováquia (Weinrich, 2017, p. 70). Este tipo de mentira total (*Organização Mundial de Saúde* está a favor da morte; Alemanha nazista quer a paz) lembra os lemas da ditadura do *Grande Irmão*, no romance 1984: *Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força*.

Este mesmo tipo de mentira tem sido praticado por Donald Trump. Por exemplo, ele tem afirmado que os Estados Unidos é um país assolado pela criminalidade (quando na verdade a taxa de criminalidade está em níveis muito baixos, menos da metade do que era em seu

pico, em 1991) e que boa parte desta violência se deve aos imigrantes, quando os dados mostram que os imigrantes são, em média, menos violentos que os cidadãos nascidos no país (Katukani, 2018, p. 99). Este mesmo tipo de mentira, voltada a instilar o medo e a confusão na população, é praticada também por Bolsonaro (por exemplo, quando ele afirmou que queimadas na Amazônia eram causadas por voluntários ambientalistas).

A mentira flagrante e completa é uma forma insidiosa de desmoralizar o debate público. Ela rompe a confiança mútua mínima que deve haver entre participantes de um debate, mesmo quando defendem pontos contrários. A verdade passa a ser uma prerrogativa do discurso do poder, como defendeu, de forma cínica, Karl Rove, assessor do ex-presidente George Bush: “Agora somos um império, e quando agimos, criamos nossa própria realidade”^[1] (Suskind, 2004).

A terceira forma de manipulação da linguagem é a utilização de pressupostos falsos ou não comprovados (Saussure, 2005). Um pressuposto é uma informação que faz parte do conhecimento compartilhado de uma comunidade e que apresenta a característica de não poder ser negada diretamente na sentença (Moura, 1999). Por exemplo, na sentença “A OMS lamenta que o governo dos Estados Unidos critique as sugestões da entidade”, há o pressuposto de que os Estados Unidos são críticos das sugestões da OMS. Este pressuposto, que é um fato de conhecimento já estabelecido, não pode ser negado mesmo que a sentença o seja: “A OMS *não* lamenta que o governo dos Estados Unidos critique as sugestões da entidade.” Neste caso, o que se nega é a lamentação da entidade e não o fato em si da crítica feita pelo governo dos Estados Unidos.

O pressuposto é um instrumento linguístico poderoso, pois encapsula o conhecimento já estabelecido de uma comunidade, especialmente aqueles fatos dados como inquestionáveis. Um tipo de pressuposto bastante usual é o chamado pressuposto de existência, que é marcado por uma descrição definida (Moura, 1999). Por exemplo, na frase “A revolução francesa teve uma enorme influência política no mundo inteiro”, assume-se como pressuposto de existência que tenha existido um evento histórico inquestionável que foi a revolução francesa. A existência desse fato é um conhecimento compartilhado e é neste contexto que a frase acima faz sentido. Logo, quando um falante faz uso de pressupostos linguísticos (e pressupostos são usados o tempo inteiro), ele está ancorando o seu discurso em fatos já sabidos e não questionados no âmbito de uma comunidade. Espera-se que ele não esteja manipulando os fatos e a linguagem, ao utilizar como pressuposto uma informação que não corresponde de forma nenhuma a um conhecimento já assente e comprovado factualmente. Questionar conhecimentos factuais e assumir fatos não comprovados é uma maneira de solapar as bases de qualquer debate. Este uso manipulador de pressupostos fantasiosos

[1] Tradução minha.

se encontra nos corpora aqui estudados. Refiro-me ao site *criticanacional.com.br* e ao livro *Vírus soberano?*. O site *folha.uol.com.br* foi utilizado apenas para coleta de dados relativos à forma de manipulação iv, mas os dados encontrados neste site não se mostraram manipuladores.

O site *criticanacional.com.br* faz uso frequente da manipulação de pressupostos. A técnica é a de usar um pressuposto de existência que supostamente indique um fato assente e uma realidade inquestionável, quando na verdade tal fato é completamente infundado. Vejam o seguinte trecho: “Nas últimas horas intensificou-se a guerra que os agentes globalistas e a esquerda travam contra o Ministro da Educação, Abraham Weintraub” (13-12-2019). Esta sentença mistura pressupostos de existência verdadeiros com alguns absolutamente questionáveis, semeando a confusão e a mentira.

Podem ser identificados quatro pressupostos de existência nesta frase, dos quais dois são verdadeiros e dois são fantasiosos. Os pressupostos de existência verdadeiros (ou seja, que correspondem a entidades ou fatos reais) são *a esquerda* e *o Ministro da Educação, Abraham Weintraub*. Estas expressões indicam seres reais, de carne e osso, cuja existência ninguém pode questionar. O mesmo não se pode dizer de *agentes globalistas* e da *guerra* que eles supostamente empreendem contra o Ministro da Educação. É o esquema de teorias da conspiração: criam-se nomes vazios (*agentes globalistas, guerra dos agentes globalistas*) para designar entidades misteriosas e secretas, cuja existência não é comprovada e que só são conhecidos por supostos iluminados que denunciam o complô. Na verdade, estes supostos iluminados são meros manipuladores, que destroem e desmoralizam a nossa capacidade de usar a linguagem com seriedade. A técnica deles consiste em misturar fatos inquestionáveis (a existência da esquerda, a existência de Abraham Weintraub, o conflito entre eles) e mentiras (*a guerra dos agentes globalistas*). Eles fazem uma fusão de verdades parciais com mentiras completas.

É a mesma técnica da Novafala da ditadura retratada no romance *1984*: “Saber e não saber, estar consciente de mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente” (Orwell, 2020, p. 48). Para efetivar este tipo de prática, a ditadura do *Big Brother* eliminou do vocabulário autorizado a palavra *ciência*, pois os conhecimentos científicos, baseados em evidências, constituem uma ameaça ao poder do regime. Da mesma forma, os discursos manipuladores se recusam a ancorar suas afirmações em evidências. O site *criticanacional.com.br* fala em *agentes globalistas* sem prover qualquer evidência do que seria isso, como é comum nos discursos ideológicos manipuladores, nos quais a concepção política é construída com base em mentiras (Al Gore, 2017; McIntyre, 2018). Discursos manipuladores como o do site *criticanacional.com.br* são uma tentativa de ‘defender o indefensável’ (Orwell, 2013). Por exemplo, a defesa da cloroquina de uma forma direta seria socialmente inaceitável

e um pouco ridícula. É improvável que alguém escreva algo como *sim, defendemos, apenas por uma questão política, uma medicação cuja eficácia contra a Covid não está comprovada e que pode causar riscos graves à saúde!* Um meio indireto é muito mais eficaz para a propaganda. No caso, basta jogar lama numa instituição internacional de saúde, como a OMS. Esta é uma forma de defender o indefensável.

A argumentação de *Vírus soberano?*, por sua vez, também utiliza a técnica manipuladora de usar pressupostos falsos. Por exemplo, um dos pilares da argumentação do livro é a suposta existência de um *Estado médico* (p. 56), que estaria ocupando o lugar do Estado democrático, em especial no tempo da pandemia. Mas o que é o *Estado médico*, qual a evidência de que tal entidade existe? A autora, aparentemente, está se referindo ao governo da Itália, seu país natal, e aos governos dos outros países ocidentais que adotaram uma quarentena rígida contra a pandemia da Covid-19. Mas em que país, exatamente, existe um domínio incontornável do saber médico e científico? Em que país o especialista médico dispõe de ‘autoridade ilimitada’, que se sobressai “soberanamente na esfera sombria da exceção” (Di Cesare, 2020, p. 59)? Trata-se, aqui, da mesma técnica manipuladora utilizada por discursos autoritários, nos quais não se provê nenhuma evidência, além da própria convicção (Mcintyre, 2018, p. 115).

Os pressupostos falsos, baseados não em evidências, mas em preconceitos ideológicos, só servem para incrementar o medo, acrescentando ameaças imaginárias ao repertório já cruel das ameaças reais. A democracia deve lidar com ameaças reais (e a pandemia do coronavírus é uma das mais graves), mas a propagação de ameaças imaginárias (como a de uma suposta ditadura da ciência, no âmbito de um *Estado médico*) enfraquece a democracia, ao estimular reações irracionais baseadas no medo (Al Gore, 2017).

É realmente incrível e decepcionante identificar em um discurso filosófico a existência de pressupostos fantasiosos e infundados. No entanto, correntes de pensamento pós-modernas, mesmo quando ancoradas em ideologias de esquerda, têm constantemente vilipendiado a crença na ciência e nos fatos (Mcintyre, 2018). De um modo geral, os argumentos pós-modernos defendem que o conhecimento objetivo é algo impossível, pois todo “conhecimento é filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis” (Katukani, 2018, p. 56). A ciência é vista como uma forma de poder, a serviço de interesses de classe ou de grupos. Nesta perspectiva, legitimada por acadêmicos que ocupam posições universitárias importantes, os argumentos dos cientistas são “vistos como não mais que seminarrativas que competem com outras para serem aceitas. Elas não constituem uma forma particular ou especial de representar o mundo, não possuindo uma correspondência inquestionável com a realidade. São apenas outras formas de ficção” (Butler, 2002, p. 15)^[2]. Tornou-se um jargão, em parte da esquerda acadêmica, afirmar que a ciência não é neutra e

[2] Tradução minha.

que equivale a uma forma de dominação social.

É neste contexto da filosofia pós-moderna que se situa o discurso do livro *Vírus soberano?*, cuja argumentação se baseia numa desconfiança completa em relação à ciência, como se a objetividade científica camuflasse um autoritarismo que prospera na “esfera sombria da exceção” (Di Cesare, 2020, p. 59). Os cientistas passam a ocupar, no imaginário deste tipo de pensamento de esquerda, a posição de agentes de uma dominação obscura das esferas do poder.

Outros exemplos de pressupostos fantasiosos, encontrados no livro *Vírus soberano?*, são os termos *partido científico do estado médico* e *laboratório autoritário*, ambos remetendo a uma suposta ditadura médica, reinante nos países do Ocidente. Na visão delirante deste livro, o *Grande Irmão* vestiu o jaleco branco e agora é um médico que manipula a pandemia a favor de seus interesses secretos.

É interessante observar o paralelismo entre os traços conspiratórios presentes tanto na referência aos *agentes globalistas*, no site *criticanacional.com.br*, quanto nas referências aos agentes do *Estado médico*, no livro *Vírus soberano?*.

Esta crítica feroz da ciência, por um ramo do pensamento de esquerda, é irônica e decepcionante por vários motivos, dos quais eu destacaria dois. Em primeiro lugar, a crítica ao saber científico foi apropriada pela militância da extrema direita, que hoje assume o discurso de que a ciência é apenas uma narrativa entre outras (Katakani, 2018; McIntyre, 2018). Em segundo lugar, a esquerda que critica o suposto *Estado médico* e o controle epidemiológico rigoroso parece acreditar que o mundo seria melhor se não houvesse um sistema público de saúde unificado e controlador, dominado por supostos autocratas a serviço de um Estado de exceção. É muito cômodo (e irresponsável) criticar o controle médico da população, quando se reside em um país que oferece à sua população um sistema de saúde pública de bom nível, como é o caso da Itália. Os fatos ocorridos na pandemia da Covid-19 mostram que a inexistência de controle sanitário e de um aparato médico e hospitalar não tem nenhum efeito positivo sobre as populações. Basta ver o que ocorreu nos países mais pobres da América do Sul, nos quais a inexistência de uma rede de assistência de saúde gerou caos, sofrimento e morte (Ahmed et alii, 2020). Sem dúvida, estas populações prefeririam dispor do suposto *Estado médico*, ao invés de ficarem à míngua, sem nenhuma assistência estatal na pandemia.

Esta crítica obsessiva a um suposto poder controlador da ciência, que fundamenta a análise contida em *Vírus soberano?*, chegou a extremos na posição negacionista assumida pelo filósofo italiano Agamben (2020). Argumentando, de forma absurda e infundada, que a pandemia do coronavírus foi inventada, este filósofo afirma que o controle da pandemia na Itália é a afirmação de um suposto *Estado de Exceção*, transformado, agora, em “paradigma normal de governo” (Agamben, 2020). É decepcionante ver um filósofo de esquerda assumir

posições negacionistas e contrafactuais, igualando-se, assim, a governantes como Trump e Bolsonaro.

Outro exemplo de pressuposto falso, usado em *Vírus soberano?*, é o termo *fobocracia* (Di Cesare, 2020, p. 61), o governo do medo. De novo, a referência é vaga e misteriosa. A que país a autora se refere? Aparentemente, aos países europeus que adotaram a quarentena. Neste caso, a autora está afirmando, ainda que indiretamente, que os governos da Itália, da França e da Alemanha, entre outros, alimentam o medo na população, pois a *fobocracia* “exalta o perigo e promete proteção - uma promessa que não pode cumprir” (Di Cesare, 2020, p. 62). Este suposto tipo de governo, a *fobocracia*, é acusado de ter criado pânico em torno da pandemia da Covid, a fim de melhor dominar os cidadãos. Criando uma ‘histeria coletiva’, a tal *fobocracia* pôde instalar uma ‘clausura imunitária’ (Di Cesare, 2020, p. 63). Temos aí um discurso manipulador, baseado em pressupostos fantasiosos, como a imaginária *fobocracia*. Trata-se de um discurso que beira o irracional, como se o medo da população não fosse causado pela pandemia e sim pelas medidas sanitárias adotadas para controlar a pandemia! É de se notar também o paralelismo com o discurso do site *criticanacional.com.br*, que afirma, igualmente, que os governos criaram uma histeria coletiva para atingir objetivos escusos (*o objetivo da esquerda e dos globalistas com a histeria em torno do vírus chinês*, 26-03-2020).

Por fim, a quarta forma de manipulação é o uso enviesado de uma categoria linguística relevante. Toda língua natural organiza a informação com base em uma série de categorias gramaticais, selecionando determinados aspectos da realidade. Por exemplo, as línguas definem parâmetros de representação de entidades (contáveis, incontáveis, animados e inanimados, abstratos ou concretos etc), parâmetros temporais (tempo e aspecto do evento) e espaciais (Pinker, 2008). Uma frase em uma dada língua deve prover as informações necessárias ou ao menos deixar implícitas estas informações. Ou seja, as línguas humanas determinam padrões para a expressão da informação (Slobin, 1996).

Quando se trata de exprimir uma informação sobre um ser animado, como um elefante ou mesmo um vírus, um padrão relevante é informar onde tal ser se localiza.

sabemos que elefantes são cinzentos e grandes, ocupam espaço e estão num lugar específico num momento específico. Mas, embora eu consiga imaginar um elefante que não seja cinza nem grande, não consigo imaginar um elefante que não ocupe espaço ou que não esteja em algum lugar (mesmo que eu o faça fluir na minha imagem mental, ele está o tempo todo em *algum lugar*). (Pinker, 2008, p. 180)

Portanto, os parâmetros para a organização da informação devem ser respeitados pelos falantes. Caso contrário, o falan-

te está manipulando a linguagem em benefício próprio, para ocultar informação ou disseminar uma mentira.

No caso dos corpora examinados aqui, este é o tipo de manipulação linguística mais comum. Os parâmetros espaciais sobre o coronavírus (a indicação de onde o vírus está) são simplesmente escamoteados das informações. No site *criticanacional.com.br*, raramente se oferece a informação sobre onde o vírus se localiza. Tudo se passa como se o coronavírus não estivesse em nenhum lugar, como se ele estivesse no vácuo ou, na imagem de Pinker (2018), como se ele pudesse ser um elefante que não está em lugar algum.

Como veremos na seção seguinte, a técnica utilizada pelo site *criticanacional.com.br* é muito simples: com poucas exceções, não se provê a localização do coronavírus, suprimindo-se da frase o adjunto adverbial e outras formas de expressão de lugar. O vírus fica no vácuo.

Há que se observar que esta ocultação é favorecida pela biologia do vírus. Não sendo ele o ser vivo paradigmático (Koonin; Starokadomskyy, 2016), o negacionismo científico encontra na representação do vírus um campo fértil para instilar a dúvida e a confusão. Por sua natureza “especial” e sua invisibilidade intrínseca, o vírus pode ser representado como um ser vivo de natureza duvidosa. E a dúvida é o ingrediente que alimenta o negacionismo científico (Mcintyre, 2018). Do ponto de vista do negacionismo, é muito mais fácil ocultar um vírus do que esconder um elefante.

No caso do livro *Vírus soberano?*, por sua vez, o coronavírus é assimilado à atmosfera, e, como tal, está em todo lugar. Expressões do lugar onde o vírus está são, de um modo geral, suprimidas. Supõe-se que, como o ar, o vírus está em todo lugar, indiscriminadamente. Na seção seguinte, apresento com mais detalhes os dados sobre esta escamoteação do lugar de ocorrência do vírus, tanto no site *criticanacional.com.br* quanto no livro *Vírus soberano?*

3. Onde está o vírus? Análise dos dados

Nesta seção, apresento resultados quantitativos relativos à expressão de lugar de ocorrência do vírus, nas frases coletadas. Estes dados permitem uma avaliação mais precisa da técnica de manipulação dos corpora escolhidos. Para contrastar com estes resultados e obter um parâmetro de comparação, fiz um levantamento similar no jornal *Folha de São Paulo* (Folha de São Paulo, 2020).

A metodologia adotada foi a seguinte: em primeiro lugar, coletei frases com a palavra *vírus* no site *criticanacional.com.br*, em edições do período de 28 de janeiro a 18 de setembro de 2020. Os dados coletados não são exaustivos, mas são representativos do corpus, já que o site de extrema direita não apresentou um número muito grande de matérias sobre o coronavírus. No total, foram coletadas 56 (cinquenta e seis) frases com a palavra *vírus* no site *criticanacional.com.br*.

Já em relação ao livro *Vírus soberano?*, a coleta foi exaustiva e todas as frases com ocorrências da palavra *vírus* foram coletadas. No final, obtive um total de 50 (cinquenta) frases extraídas do livro.

A fim de dispor de um terceiro corpus, que pudesse servir de comparação, foram coletadas também frases com a palavra *vírus* no jornal *Folha de São Paulo*, com uma delimitação temporal muito mais restrita: as frases foram extraídas das edições de 20 a 27 de setembro de 2020, disponíveis em *folha.uol.com.br*. No total, foram coletadas 50 (cinquenta) frases com a palavra *vírus*, nesse site.

Esta amostra é bem menos representativa do que a obtida nos dois outros corpora, já que a delimitação temporal era menor e os conteúdos de um dos maiores jornais do Brasil, como a *Folha de São Paulo*, são evidentemente muito mais amplos e variados que os conteúdos de um site com poucos autores, como é o caso do *criticanacional.com.br* e de um livro pequeno como *Vírus soberano?* (124 páginas de uma edição de bolso). No entanto, como os resultados obtidos são bastante significativos, a comparação entre corpora tão díspares termina sendo útil, embora uma pesquisa com mais dados seja ainda necessária.

O próximo passo foi analisar os dados com base em um único parâmetro: a presença ou não, nas frases coletadas, de indicações espaciais relativas ao vírus. A hipótese adotada era que os discursos manipuladores do site *criticanacional.com.br* e do livro *Vírus soberano?* tenderiam a suprimir as indicações espaciais relativas ao vírus, escamoteando informações básicas sobre como um vírus se comporta. Por outro lado, esperava-se que uma fonte de informações mais profissional e mais diversificada, como é o caso da *Folha de São Paulo*, provesse uma quantidade relevante e mais consistente de informação espacial sobre os vírus.

Como vimos, cada língua natural organiza a informação com base em uma série de categorias gramaticais, sendo a categoria espacial uma das mais fundamentais (Pinker, 2008). No caso de frases sobre seres vivos (e o vírus é um ser vivo^[3]), espera-se que a informação sobre onde tal ser vivo se encontra seja um parâmetro relevante da informação. Para ilustrar a situação, imagine uma notícia sobre um ataque de abelhas ou uma praga de gafanhotos. Uma informação essencial da notícia seria a indicação sobre onde as abelhas atacaram e sobre qual a região atingida pela praga de gafanhotos.

Da mesma forma, as informações espaciais são essenciais para asserções sobre vírus. Um vírus necessariamente está em algum lugar, seja no ambiente externo, seja em um hospedeiro. Em uma pandemia, o vírus circula mais fortemente em determinados lugares e com menos força em outros, há locais de grande contaminação (transporte público e bares, por exemplo) e outros menos contaminados (regiões isoladas e com pouca circulação etc). Outra informação relevante sobre vírus em uma pandemia é o

[3] Na biologia, há um debate se o vírus é um ser vivo ou não, mas de um modo geral o vírus é percebido como um microorganismo (Koonin; Starokadomskyy, 2016).

número de infectados (que carregam o vírus), os quais funcionam como agentes de transmissão. Os infectados são *lugares* em que os vírus estão, de modo que não faz sentido falar de pandemias sem falar dos infectados.

A minha hipótese é que discursos manipuladores sobre o vírus tendem a obliterar estes dados espaciais, enviesando as frases sobre vírus a favor das causas ideológicas e das crenças infundadas dos enunciadores das frases.

O passo metodológico seguinte foi identificar três formas gramaticais de expressão de lugar nas frases sobre vírus. A mais evidente destas formas é o adjunto adverbial de lugar (marcado em negrito nos exemplos a seguir, extraídos dos corpora), como em *o vírus na verdade veio do laboratório de biotecnologia de Wuhan* (*criticanacional.com.br*, 16-09-2020); *o vírus soberano passa pelo ar* (Di Cesare, 2020, p. 70); *A chance de você contrair o vírus numa “festa do Fux” em São Paulo hoje é de 5%* (*Folha de São Paulo*, 27-09-2020).

A segunda forma é uma sentença subordinada que contenha uma expressão de lugar, como em *vírus chinês que se espalhou pelo mundo* (*criticanacional.com.br*, 28-04-2020).

Finalmente, a terceira forma é um verbo que contenha no seu significado a necessidade da expressão de um argumento que indique um lugar, como *infectar*, *atacar*, *atingir*, *portar* e *conter*. No caso de *infectar*, *atacar* e *atingir* o objeto direto (marcado em negrito) destes verbos deve expressar um lugar ou um ponto no espaço, como em *vírus chinês que infectou quase 13,5 milhões* (*criticanacional.com.br*, 16 de julho de 2020). Neste caso, uma pessoa infectada é um lugar onde o vírus está. Da mesma forma, *atingir* também tem como objeto direto um lugar: é muito macho e o vírus não atinge **os machos** (*Folha de São Paulo*, 2020). Já no caso de verbos como *portar* e *conter*, o sujeito gramatical (marcado em negrito) deve indicar um lugar ou, mais precisamente, um container: **as partículas** *podem conter o vírus* (*Folha de São Paulo*, 2020).

A principal conclusão da análise dos dados é que, apesar de se situarem em pontos extremos do espectro ideológico, as asserções sobre o vírus, tanto no site *criticanacional.com.br* quanto no livro *Vírus soberano?*, são bastante semelhantes no que se refere à ocultação da expressão de lugar de ocorrência do vírus, ao contrário do que ocorre no jornal *Folha de São Paulo*. Esta diferença entre discursos manipuladores e um discurso mais centrado nas evidências pode ser explicado pela maior diversidade de autores e perspectivas, no caso da *Folha de São Paulo*. Há, também, uma significativa presença de cientistas e especialistas médicos escrevendo sobre o coronavírus neste jornal, ao passo que no site *criticanacional.com.br* e no livro *Vírus soberano?* a posição dos especialistas é praticamente ignorada. Como vimos, tanto o site de extrema direita quanto a filósofa pós-moderna Donatella di Cesare são críticos do saber científico, especialmente daquele representado por instituições de saúde estatais e transnacionais. Nesses discursos, a ciência representa o poder que administra e controla a vida dos cidadãos. No caso da *Folha de São Paulo*, por outro lado, a ciência não é vista nem como uma narrativa, nem como uma

forma de poder e sim como um conjunto organizado de conhecimentos. Assim, o respeito à ciência e às evidências factuais tem como resultado uma informação sobre o coronavírus muito mais transparente (sobre a maior confiabilidade da mídia tradicional, ver McIntyre (2018)).

Passemos, agora, a examinar como o site de extrema direita e o livro *Vírus soberano?* representam o coronavírus, ao ocultar informações sobre a localização do vírus. No caso do site *criticanacional.com.br*, a obliteração de informação espacial visa minimizar a pandemia. É importante observar que o site não é estritamente negacionista; a pandemia é vista como uma realidade. No entanto, para defender a posição assumida pelo presidente Bolsonaro, é preciso não criar ‘histeria’ e a estratégia usada é simplesmente não falar da expansão do vírus no Brasil, não citar os locais de maior contaminação e, sobretudo, não fornecer dados sobre as ondas de infecção. O vírus existe, mas é como se ele estivesse no vácuo, um espaço vazio. Em 45 (quarenta e cinco) das frases coletadas (80,35 % do total), não há expressão de lugar de ocorrência do vírus, e em apenas 11 (onze) frases há expressão de lugar de ocorrência do vírus (19,64% do total). O Gráfico 1 abaixo mostra estes resultados:

A manipulação ideológica sobre a propagação do vírus fica ainda mais evidente quando se observa que, das 11 (onze) ocorrências de expressão de lugar encontradas no site, 7 (sete) se referem a notícias sobre a China e duas a notícias sobre São Paulo. No que se refere à China, a informação espacial é, normalmente, sobre a suposta origem do vírus: *o vírus pode ter sido originado de um laboratório na cidade de Wuhan*. No caso das ocorrências sobre São Paulo, a intenção do site é difamar o governo paulista: *Pelo contrário, João Doria estimulou e incentivou o carnaval de rua, que seguramente contribuiu para a disseminação do vírus chinês no Estado* (24-03-2020). Tudo se passa como se o vírus só circulasse em dois lugares: na China e em São Paulo. Os outros lugares caem no limbo de um espaço vazio. É como se estes lugares simplesmente desaparecessem. Mais uma vez, recordamos a distopia do romance 1984. Na ditadura do Grande Irmão, pessoas, fatos históricos, documentos e territórios poderiam simplesmente desaparecer dos registros, como se nunca tivessem existido.

Passemos agora aos dados coletados no livro *Vírus soberano?*. Foram coletadas 50 (cinquenta) frases com a palavra vírus. Destas, 41 (quarenta e uma) não continham expressão de lugar de ocorrência do vírus, ou seja, 82,00 % do total de frases coletadas, e em apenas 9 (nove) frases, há expressão de lugar, ou seja, 18% do total de frases. Estes resultados podem ser visualizados no Gráfico 2, abaixo:

As poucas ocorrências de expressão de lugar são totalizadores, ou seja, sugerem que o vírus está em todos os lugares: **em todos os lugares** há emergência de vírus (Di Cesare, 2020, p. 67); vírus e bactérias estão **entre nós** (Di Cesare, 2020, p. 121); vírus migrantes que fazem reivindicações de ocupação do **próprio espaço biológico** (Di Cesare, 2020, p. 122). O livro tenta representar o vírus como o soberano de um estado totalitário. A antropomorfização do vírus é

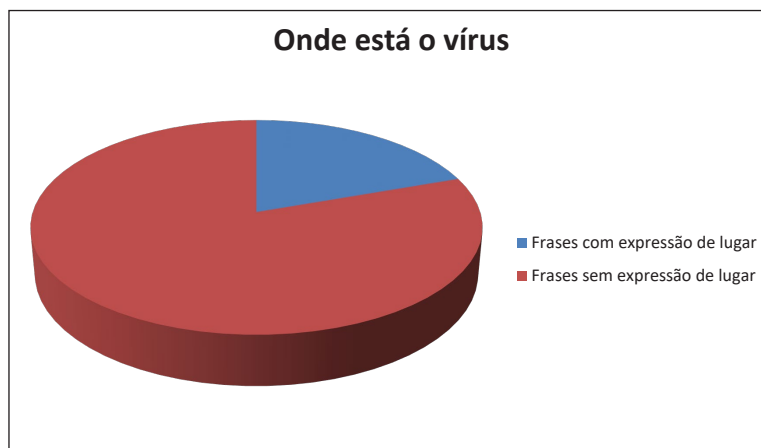


Gráfico 1

Indicação espacial de ocorrência do vírus no site *criticanacional.com.br*

Fonte: Elaborado pelo autor

um processo recorrente no livro: *talvez o vírus soberano acabe desestabilizando a soberania do estado* (Di Cesare, 2020, p. 66); *o vírus não perdoa* (Di Cesare, 2020, p. 108); *o vírus ilude, engana* (Di Cesare, 2020, p. 108).

São recorrentes as metáforas que enfatizam a onipotência e a onipresença do coronavírus: *é o vírus da asfixia*. (Di Cesare, 2020, p. 13); *o vírus é o gênio maligno da alteridade* (Di Cesare, 2020, p.32); *(o vírus) tem uma auréola sugestiva e temível, uma coroa poderosa* (Di Cesare, 2020, p. 35); *essa catástrofe da respiração, causada por um vírus* (Di Cesare, 2020, p. 121); *a atmosfera.. é inabitável e irrespirável* (Di Cesare, 2020, p. 121).

Estas metáforas que generalizam a presença do vírus, na imagem de uma atmosfera contaminada, estão baseadas numa interpretação moralizadora da doença de origem viral, como já havia sido observado por Sontag (1989, p. 50) no caso do vírus da Aids. Sontag (1989, p. 51) observou também que a ideia de uma atmosfera contaminada migrou para a ideia de um ambiente psicologicamente contaminado. Sontag (1989) nota que estas generalizações em nada contribuem para uma melhor compreensão de uma epidemia viral, gerando apenas inquietude e medo. Segundo ela, devemos nos guiar pelos dados objetivos relativos a uma doença viral e não por metáforas que a amplificam e mistificam. Esta limitação aos fatos da doença (mesmo que eles sejam duros) tem um efeito liberador sobre os doentes e sobre a comunidade (Sontag, 1989, p. 110). Saussure (2005) também observa que o uso excessivo de metáforas pode ter o efeito pragmático de

nublar a compreensão de um fenômeno, servindo, assim, à propaganda e aos discursos autoritários.

Di Cesare (2020) não segue a lição de objetividade proposta por Sontag (1989) e, ao contrário, manipula a linguagem de forma altamente discutível, ao lidar com a pandemia do coronavírus. Ela manipula a linguagem ao afirmar que o vírus está em todos os lugares e que a atmosfera está toda contaminada. Isso, no entanto, é uma mentira. Nenhum ser vivo pode ocupar todos os lugares do espaço. Faz parte do conceito de pandemia que haja ondas de infecção e regiões com maior e menor grau de contaminação. Cabe, justamente, às autoridades médicas e sanitárias a definição de onde pode haver circulação de pessoas. Se tudo está contaminado, então sequer seria preciso seguir orientação médica: já estaríamos a caminho do apocalipse.

Em suma, o objetivo do livro *Vírus soberano?* é maximizar a pandemia do coronavírus, fazendo dela uma metonímia do estado totalitário que supostamente nos domina. Da propagação no espaço, a pandemia viral passa a se propagar no tempo, de modo que não há saída nem esperança (Moura; Lopes da Silva, 2021). Trata-se de uma verdadeira conspiração viral: “a ideia da conspiração se exprime naturalmente na imagem do vírus implacável, insidioso” (Sontag, 1989, p. 81). O discurso do livro *Vírus soberano?* propaga esta ideia fantasiosa de conspiração viral, e para isso manipula a linguagem, escondendo informações sobre a localização do vírus e afirmando, sem base em evidências, que ele está em todos os lugares.

Finalmente, passamos aos dados coletados no site *folha.uol.com.br*, nas edições

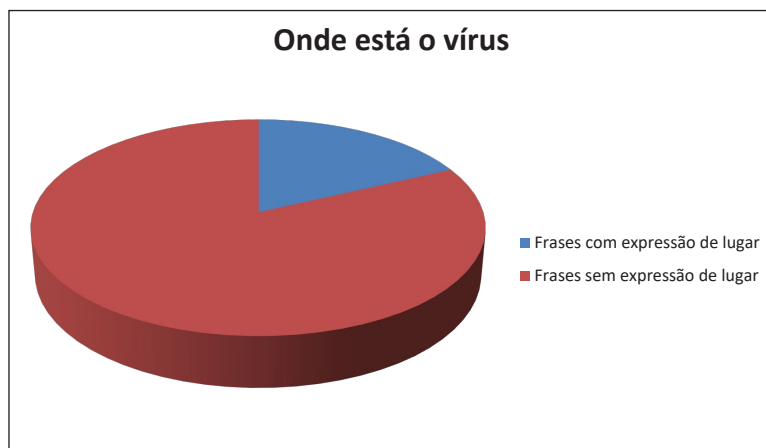


Gráfico 2

Indicação espacial de ocorrência do vírus no livro *Vírus soberano?*

Fonte: Elaborado pelo autor

de 20 a 27 de setembro de 2020. Foram coletadas 50 (cinquenta) frases com a palavra *vírus*. Destas, 24 (vinte e quatro) apresentavam expressão de lugar (48% do total) e 26 (vinte e seis) não apresentavam expressão de lugar (52% do total). Estes resultados são representados no Gráfico 3, abaixo:

Se compararmos os gráficos, resta evidente que os discursos manipuladores sobre o coronavírus tendem a não informar onde está o vírus, com cerca de 80% das frases sem expressão de lugar da ocorrência do vírus, tanto no site *criticanacional.com.br* quanto no livro *Vírus soberano?*. Já no caso da *Folha de São Paulo*, o número de frases com expressão de lugar sobe bastante, quase igualando o número de frases sem indicação de lugar. Esta maior incidência de informação factual sobre a disseminação do vírus reflete uma maior diversidade de opiniões e uma maior presença de informações científicas no site da *Folha de São Paulo*. São comuns frases com uma indicação precisa (marcada em negrito) da localização do vírus, seja no ambiente externo, seja no corpo humano: *quando um vírus entra na aldeia* (23-09-2020); *que a situação do vírus possa ter arrefecido ainda mais em todos os locais da competição* (24-09-2020); *um desses efeitos é a compartimentalização do vírus no cérebro* (21-09-2020); muito tempo depois de não ter mais vírus detectável *no sistema respiratório* (21-09-2020); *vírus, fungos estão no nosso corpo* porque são o nosso corpo (21-09-2020); *essa proteína é responsável por impedir que o vírus se reproduza nas células* (25-09-2020).

Seria de se esperar que um importante número de asserções sobre o vírus não apresentasse informação espacial, pois muitas vezes o vírus é representado como uma entidade mais abstrata (uma causa, um fator, um problema) e não como um microorganismo. Exemplos disso são frases como as seguintes, coletadas no site da *Folha de São Paulo*: *diz que a imprensa politizou o vírus* (22-09-2020); *seu governo tinha "dois problemas a resol-*

ver, o vírus e o desemprego (23-09-2020).

Esta representação mais abstrata do vírus explica a distribuição quase equivalente entre frases com expressão de lugar e frases sem expressão de lugar, como se pode ver no Gráfico 3. No entanto, quando se compara este resultado com os gráficos 1 e 2, é notável o grau de ocultação de informações espaciais nas frases sobre o vírus, nos discursos manipuladores da *criticanacional.com.br* e do livro *Vírus soberano?*. Não dizer onde o vírus está é uma forma de mistificar e escamotear a pandemia.

4. Conclusão

O exame dos enunciados do site *criticanacional.com.br* e do livro *Vírus soberano?* nos possibilitou trazer à luz as técnicas de manipulação de linguagem de autores que estão mais interessados em defender crenças infundadas do que em tentar apresentar soluções para os graves problemas sociais acarretados pela pandemia do coronavírus.

Na seção 1, apresentei quatro técnicas de manipulação da linguagem: i) distorção do significado das palavras; ii) afirmação de mentiras; iii) utilização de pressupostos falsos ou não comprovados; iv) manipulação de uma categoria linguística relevante. O site *criticanacional.com.br* se utiliza das técnicas ii), iii) e iv) e o livro *Vírus soberano?* faz uso das técnicas iii) e iv).

Na seção anterior, mostrei, com base em dados quantitativos, que a ocultação de informação sobre a localização do vírus é uma técnica amplamente utilizada nos dois corpora, embora com objetivos distintos. No caso do site defensor da política do presidente Bolsonaro, o objetivo é minimizar a pandemia, deixando o vírus no vácuo, sem um lugar definido de propagação, exceto nos casos da China e do estado de São Paulo. Por outro lado, a ocultação de informação espacial no livro *Vírus soberano?* tem como objetivo maximizar

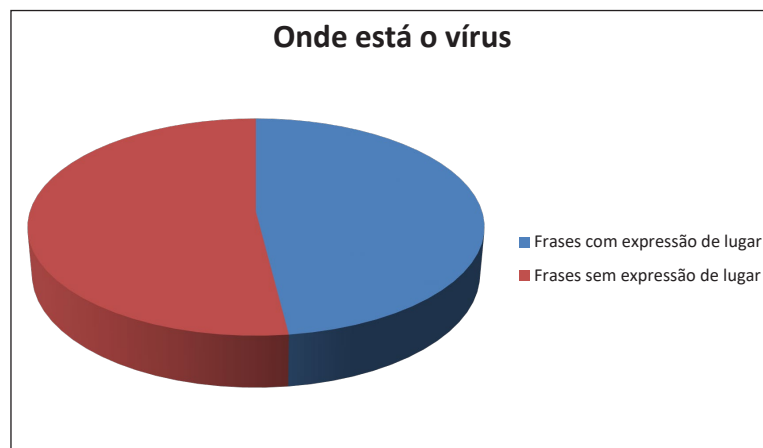


Gráfico 3

Indicação espacial de ocorrência do vírus no site *folha.uol.com.br*

Fonte: Elaborado pelo autor

a pandemia. A ocultação de informação sobre onde o vírus está serve para indicar que o vírus se funde na atmosfera inteira, levando todo o espaço a ser ocupado pelo patógeno. Isso favorece a ideia fantasiosa de uma conspiração viral, associada, de forma um tanto nebulosa, a um regime totalitário que sufoca o planeta. Este excesso de significados da pandemia do coronavírus (estado de exceção, estado médico, o vírus como um soberano, atmosfera irrespirável, imunopolítica) leva a uma grande confusão sobre a real propagação do vírus, servindo apenas para instigar temores mais profundos que costumam estar associados a uma doença de natureza viral (Sontag, 1989, p. 110).

A democracia é baseada num mínimo de confiabilidade no uso da linguagem. Manipulações extensivas e mentiras constantes inviabilizam o debate e a busca de soluções. Devemos estar atentos ao papel desempenhado pela linguagem no funcionamento de uma sociedade democrática. Devemos criticar toda manipulação baseada em

mentiras e em ocultação e devemos monitorar e denunciar conceitos que não estão ancorados em nenhuma evidência factual e que servem apenas para propagar o medo e a confusão em momentos de crise social.

A comparação dos dados examinados com uma pequena amostra de sentenças da *Folha de São Paulo* mostra a importância de jornais produzidos por profissionais. A diversidade de opiniões e, em especial, o espaço dado no jornal aos especialistas garantiram um discurso baseado em fatos, quando se trata da pandemia do coronavírus. Isso não quer dizer que a mídia profissional não possa enviesar análises, sobre outros assuntos. A sociedade democrática deve ficar atenta à qualidade e confiabilidade das fontes de informação (Mcintyre, 2018). No entanto, este artigo permite concluir que um jornal respeitável e profissionalizado, independente da orientação política, possui um patamar mínimo de confiabilidade que está muito acima das outras fontes de informação aqui estudadas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. 2020. *L'invenzione di un'pandemia*. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-pandemia>. Acesso em: 20/09/2020.
- AHMED, A et al. 2020. Virus Gains Steam Across Latin America. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/23/world/americas/coronavirus-brazil-mexico-peru-chile-uruguay.html?searchResultPosition=7>. Acesso em: 22/09/2020.
- AL GORE. 2017. *The assault on reason*. 2ª ed. London, Bloomsbury, 320 p.
- BRECHT, B. 2003. Five difficulties in writing the truth. In: S. GILES; T. KUHN (eds.), *Brecht on art and politics*. London, Bloomsbury, p. 141-157.
- BUTLER, C. 2002. *Postmodernism*. Oxford, Oxford University Press, 160 p.
- DI CESARE, D. 2020. *Vírus soberano? A asfixia capitalista*. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte, Ayiné, 124 p.
- KAKUTANI, M. 2018. *A morte da verdade. Notas sobre a mentira na era Trump*. Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro, Intrínseca, 270 p.
- KLEMPERER, V. 2013. *The language of the third Reich*. London, Bloomsbury, 303 p.
- KOONIN, E.; STAROKADOMSKYY, P. 2016. "Are virus alive? The replicator paradigm sheds decisive light on an old but misguided question". *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, volume 59: 125-134. <https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2016.02.016>
- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. 2018. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro, Zahar, 272 p.
- LINK, P. 2015. Mao's China: the language game. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2015/05/15/china-language-game-eileen-chang/>. Acesso em: 20/09/2020.
- MCINTYRE, L. 2018. *Post-Truth*. Cambridge (Mass.), MIT Press, 216 p. <https://doi.org/10.7551/mit-press/11483.001.0001>
- MOURA, H. 1999. *Significação e contexto*. Florianópolis, Insular, 120 p.
- MOURA, H.; LOPES DA SILVA, F. 2021. O vírus nos ronda. Metáforas sobre vírus e sobre corrupção. *Porto das Letras*, 7(2): 23-39.
- ORWELL, George. 2013. *Politics and the English language*. London, Penguin Books, 28 p.
- ORWELL, George. 2020. 1984. São Paulo, Companhia das Letras, 414 p.
- PINKER, S. 2008. *Do que é feito o pensamento. A língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravgnani. São Paulo, Companhia das Letras, 561 p.
- SAUSSURE, L. 2005. Manipulation and cognitive pragmatics. Preliminary hypotheses. In: L. SAUSSURE; P. J. SCHULZ (eds.), *Manipulation and Ideologies in the Twentieth Century*. Amsterdam, John Benjamins Publishing, p. 113-145. <https://doi.org/10.1075/dapsac.17.07sau>
- SLOBIN, D. 1996. From "thought and language" to "thinking for speaking". In: J. GUMPERZ; S. LEVINSON (eds.), *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 70-96.
- SONTAG, S. 1989. *Aids e suas metáforas*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo, Companhia das Letras, 111 p.
- SUSKIND, R. 2004. *Faith, Certainty and the Presidency of George W. Bush*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2004/10/17/magazine/faith-certainty-and-the-presidency-of-george-w-bush.html>. Acesso em: 20/09/2020.
- WEINRICH, H. 2017. *Linguística da mentira*. Florianópolis, Editora da UFSC, 100 p.